OTELLO MAVIGNIER

A idéa jacobina



Typ. da "PATRIA PORTUGUEZA"
MANAOS — 1921

OTELLO MAVIGNIER



A idéa jacobina



Typ. da "PATRIA PORTUGUEZA"
Manáos — 1921

A Virgilio de Sá, Antonio Caetano Calafate, Hemeterio Cabrinha e Luíz Gonzaga Bessa, meus irmãos pelo espirito e pela idéa, pioneiros destemidos da aurea cruzada anti-jacobina, estas paginas embora sem lavor, pois dispensam, em absoluto, as investidas da critica, porém sinceras e rebeldes como rebeldes e sinceros têm sido todos os escriptos dimanados da minha intelligencia tacanha, pequenina, talvez mais infima que um grão de areia...

LEIAM A HISTORIA



O emerito brasileiro e insigne parlamentar, sr. senador Nilo Peçanha, um puritano, na acepção verdadeira da palavra, entornou sobre a platéa culta do Theatro Amazonas, estas palavras perfeitas que só poderiam ser creadas pelo idealismo sadío da sua imaginação fecunda:

> «Chegou a hora de luctar por uma nova politica de fraternidade e de tolerancia, não havendo aqui logar para essa *nevrose*, que se seguiu á guerra em toda a parte, separando povos que juntos deram o seu sangue pela liberdade, e que no Brasil, sob as bandeiras de um falso nacionalismo, nos quer isolar, nos nossos proprios desertos, do trabalho e da collaboração dos estrangeiros, excitando o odio aos Portuguezes, como se fôssemos capazes de renegar a propria origem e como se ao velho Portugal luctando então contra a invasão de fortes nações da Europa, não lhe devessemos a unidade de raça, a unidade de lingua, a unidade de territorio, e a unidade

de um dos quatro maiores paizes da terra que é o Brasil nos dias de hoje».

Que dirão agora os inimigos do idioma que fallam?

Que dirão os pregoeiros do nativismo demente?

Que murmurão os venalisados?

Que dirão os que se abrigaram á bandeira da injustiça e os que tiveram a satisfação de ver morrer João do Rio?

A que sombra se irão agasalhar os analphabetos que se entregaram de corpo e alma a essa campanha movida contra o portuguez, como se elle não representasse para o Brasil uma reliquia historica da sua vida de Nação?

Que exemplo de grandeza e de prosperidade para a terra natal podem offerecer os nativistas de caricatura informe?

Qual, pois, o proveito da ingrata campanha?

O que redunda de tudo isso, o que vem resultar d'essa empreitada nefanda, é a repatriação, essa repatriação urgente e dolorosa, cujo espectaculo tanto contrista os nossos olhos, dos portuguezes para as plagas da Mãe-Patria, fazendo, antes de escalar o batel que os levarão ao almejado porto, o juramento intimo e profundo de jámais voltarem ou consentirem que os seus afins pisem o sólo de Santa Cruz!

Julgam os nativistas que tamanho ultrage á nação é uma indefectivel obra de patriotismo.

Não é, inimigos do Brasil. Isso fórma o canto do cysne das tradicções, das gloriosas tradicções da nossa lingua.

Acalmae essa febre apavorante, auscultae-vos a vós proprios que vos convencereis da tragedia para a qual escrevesteis com mão sinistra e inspiração criminosa o prologo nefasto!

Cuidae do nacionalísmo amplo, do verdadeiro nacionalismo, e suplantae, por misericordia, esse odio estupido e injustificavel que votaes ao portuguez como se elle não possuisse a gloria viva e impalpavel de ter guardado com cuidado e carinho a origem, a grandeza, a historia e o valor do idioma que fallamos...

Os Delamares deveriam recorrer ao patibulo, como recurso extremo...

Não é o brasileiro provinciano que grita contra a infamia atirada ao brio portuguez, é o eminente, o glorioso filho do Brasil que n'uma conferencia de propaganda politica, verbéra o procedimento nefando dos nativistas de fancaria.

Nativistas que se batem cegamente, por um malsinado ideal: o roubo da gloria portugueza.

Nativistas que nunca lançaram um retrospecto á historia do seu paiz e que descenhecem por completo o que vem a ser o verdadeiro nacionalismo.

Nativistas que se curvam ás indecorosas

bambochatas das «Madeiras Mamorés», das «Harbours» e das «Ligths», para se voltarem contra o braço portuguez que soalhou a habitação outr'ora humida do nativista audaz e iconoclasta de agora...

Jacobinos que envoltos na bandeira vermelha da anarchia, preparam, na sombra negra em que vegetam, o assalto cobarde á fortuna adquirida com sacrificio e que para possuil-a não foi preciso rasgar a Constituição do Paiz e nem desrespeitar as autoridades do Colosso...

Um exemplo só eu quero de desrespeito dos portuguezes ás autoridades brasileiras!?...

Leiam a historia, srs. nativistas; leiam e decorem as paginas de gloria do Brasil e convençam-se de que a Portugal elle deve o momento mais sublime da sua vida de Nação, que foi o de ter estraçalhado o véo que, nas suas dobras verdes, envolvia e occultava o Collosso Sul-Americano!...

Foi a gente lusitana que ensaiou os nossos primeiros passos; foi ella quem nos apresentou ao concerto maravilhoso das nações aonde ainda hoje continuamos fulgindo. A Portugal, portanto, devemos a formação da nossa nacionalidade.

E parece-me que vae bem este conselho: LEIAM A HISTORIA!

O PAGODE JACOBINO



Verdadeiramente é o termo que se deve empregar aos pioneiros da cruzada descruzada.

Tornou-se um pagode semelhante ao dos bars de Pekin.

O ideal d'essas creaturas tenta afogar-se nas suas proprias desillusões.

As hostes estão em debandada e a fraternidade vem imperando n'um absolutismo que deixa de encantar para extasiar a alma luso-brasileira.

Os Delamares que têm procurado enlamear o symbolo glorioso, com os seus interesses mesquinhos, personificados e entornados estupidamente em «Gil-Blas», parecem que já se encontram ebrios dos delirios dimanados d'esse pagode que é, indefectivelmente, o pagode jacobino...

Cegos, loucos e surdos foram os que commungaram por um malsinado instante a hostia fabricada pelos crassos, pelos legitimos inimigos do progresso brasileiro.

O povo deveria impor, a esses adversarios

da evolução patria, o castigo de engulirem em secco os escriptos mal inspirados e os insultos miseraveis atirados á nossa Patria, pois quem offende o berço do genio impoluto de Eça e da musa ardente de Thomaz Ribeiro, offende em cheio o valor e a integridade nacional.

Nacionalistas sejamos, mas abrindo aos estrangeiros os nossos braços, dando-lhes o exemplo da nossa educação de povo joven e civilisado.

Quando o nosso governo manda parlamentares a paizes europeus estabelecer contractos afim de facilitar a emigração para as nossas plagas, a imbecilidade dos Delamares procura expulsar do nosso seio, do seu propio seio, o elemento portuguez, que é, indubitavelmente, o unico que ha, até os dias presentes, trabalhado em prol do desenvolvimente industrial e economico da nossa Patria.

Os meios de subsistencia, que no nosso rincão adquirem os lusitanos, não são por contractos immoralissimos, e assim mesmo não cumpridos, das companhias que exploram as vias-ferreas, as linhas de bond, os caes e etc., todas sob as chefias de outros colonos para os quaes deveriam olhar, despresando ou suffocando as subvenções indecentes que lhes algemam as pennas...

Mas tal não se dá. Os farristas só enxergam o portuguez, é elle o bóde expiatorio dos ennervamentos de «Gil Blas», subornado facilmente pela ressonancia financeira de uma jornada a Minas Geraes.

Bella terra a das alterosas!...

Magnifica a sua vida economica e para os venalisados é surprehendente o thesouro mineiro...

A emigração, que tem merecido o estudo aturado do sr. presidente da Republica, é uma obra que se impõe ao progresso nacional.

O que não deve consentir s. exc.ª é que em plena metropole se atirem insultos a quem não vem ao Brasil pedir o favor de se lhe ensinar a lingua patria...

O futuro governo deve estar alerta contra estes patrioteiros que, na sombra, vão cavando, criminosamente, a ruina nacional.

E sem o recurso preciosissimo da chibata deve acabar quanto antes o pernicioso Pagode Jacobino.

A ENDEMIA JACOBINA

Leopoldo de Freitas, forte organisação de escriptor, brasileiro dos mais genuinos, espirito de notavel clarividencia, polemista de dotes invejaveis, senhor de uma prosa cantante, emerilhada e de um estylo que arrebata pelas phosphorescencias de luz que encerra, é uma mentalidade de descortino esclarecido e ponderado, o illustre paulista teve, a respeito da endemia jacobina, as expressões que se vão ler nos periodos seguintes:

«O pezar pela morte do jornalista e litterato Paulo Barreto ainda mais justifica, neste instante, de agitação de alguns intolerantes que se atiraram aos debates do nativismo.

Infeliz e injustificada campanha n'um paiz que tem os seus portos abertos á attracção das correntes emigratorias; porque do contrario o seu povoamento, as suas relações internacionaes, o seu desenvolvi-

mento, pequena ou insignificante prosperidade conseguirá.

Aqui fallam muito; citam frequentemente, invocam exemplos do prodigioso engrandecimento dos Estados Unidos da America do Norte «The Great Republic», porém, desconhecem ou fingem ignorar que lá, em New-York, Boston, Filadelfia, Washington e Balttimore—não se propaga o anti-anglicanismo ou anti-britanismo.

Toda a nação formada em maioria de elementos inglezes, não obstante o concurso de outros emigrantes, desde o periodo colonial, absolutamente, não cultiva o pensamento de hostilidade aos «Pilgrim Gathers».

Seja como fôr, ou como quizerem os nativistas do Brasil que nem sequer tomam interesse pela civilisação dos indigenas que ainda vivem em estado primitivo na vastidão das florestas da Amazonia, de Matto-Grosso e de Goyaz—a sua campanha anti-lusitana reflete de modo deploravel no exterior.

O trabalho, o esforço, o interesse da propaganda do paiz brasileiro que o governo Federal e Estadual de São Paulo estão fazendo para obter colonisação e trabalhadores agricolas poderá nullificar-se na Italia, na Hespanha, em Portugal e n'outros povos que tem trazido o concurso dos seus braços para estas terras.

> A Associação da Liga Nacionalista de S. Paulo, pelo orgão mais auctorisado do seu pensamento e programma de acção, veio declarar que: «Não tem laivos de jacobinismo. Que todo o estrangeiro e essencialmente o portuguez—é um amigo e collaborador, antes de nos fazer ver pelos seus actos ou palavras, que deseja ser contrario».

Já, por mais de uma vez, disse eu destas columnas que não é o brasileiro provinciano, o selvagem, na expressão sulista, que grita contra a infamia atirada ao brio lusitano. São os homens de responsabilidade do paiz, são os vultos de eleição que se revoltam contra a baixeza d'essa miserrima campanha.

Infelizmente essa reprimenda não a deu começo quem a devia dar, o sr. Epitacio Pessoa, esse vigarista politico que entope a curul presidencial do paiz deffendendo doutrimas retrogradas, peccaminosas e estapafurdias... Doutrinas que estão sómente ao alcance d'um cerebro vasio como o do Pita.

Pelo programma da Liga Nacionalista de S. Paulo é que se deviam guiar e as ponderações do eminente escriptor deveriam ser, não estudadas pelo jacobinismo vermelho, porém, decoradas e executadas quanto antes. E, por este meio, com este recurso, estou certo, seria eliminado dentro em pouco o «anopheles» ingrato que propaga com a picada venenosa o mal, felizmente curavel, da Endemia Jacobina.

A RELIGIÃO DO JACOBINO

*

Como todo o mortal, o jacobino tambem procura ser religioso.

Mas o que redunda n'um contraste as idéas sãs é o jacobino ter, pelo dogma do assassinato das tradições, uma especie de fanatismo doentio.

Fundaram a doutrina dos idiotas, porém, o povo fez a necessaria prophilaxia e ella ficou intumescente na imaginação dos candidatos a nativistas.

D'ahi vem nascendo o descontentamento e o ridiculo em que estão embaídos os patrioteiros, genuinos sacerdotes das formulas obsolêtas.

Um dia, quem sabe, o chefe da propaganda jacobinista, que era caixeiro d'alguma tasca da Gambôa, de propriedade de um estrangeiro, e como as finanças não chegassem para manter o seu empregado o patrão dispensou-o sem justificar o motivo do seu acto; então, o «garçon» exasperado com aquillo, resolveu fundar uma revista e dar combate ao portuguez que o demittiu e tão «intelligente» é, esse individuo, que desconhecendo a plurali-

dade das palavras atacou a todos os portuguezes indistinctamente... Alguns maníacos entraram, por descuido, no seminario das suas locubrações e, doidos por sahirem d'esse maldito presídio, estão inutilisados pelas chibatadas na consciencia vibradas pelo caixeirinho audacioso... Tentaram rasgar uma pagina da nossa historia que nada mais é do que a continuação, o reflexo maravilhoso da historia portugueza; abastardaram a intelligencia e hoje, aos nossos olhos de moços, não são nem a insignicancia extrema, isso que se chama tão banalmente coisa alguma.

Isto é, no terreno arido das idéas.

Meus queridos patricios, o brasileiro, nós brasileiros, nunca poderemos deslustrar, pela mentira sordida e leviana, a audacia triumphante das caravellas de Pedro Alvares Cabral.

O que devemos fazer é cultuar o passado com mais devotamento, com mais carinho e com mais amor. Abandonae esse grupo de iconoclastas, deixae-o cambalear na incerteza dos primeiros passos.

Não procureis participar d'essa tragedia.

Deixae os sacerdotes d'essa nefasta religião de jacobinos mutilarem sosinhos os monumentos gloriosos do nosso passado politico.

Deveis esperar, confiantes, a conversão d'esses inimigos do progresso da nossa Patria.

Aguardemos o veredictum do tempo e, certo estou, que os veremos fulminados pela lança de Themis.

O que me é difficil acreditar é que esses

pioneiros da ingrata campanha tenham procurado convencer o povo a passar uma esponja humida na louza refulgente do passado; assim, queridos patricios meus, fico na arraigada convicção de que essas creaturas o que deffendem é a ideia tectrica, mercenaria, nefanda e miseravel do suicidio nacional.

Qual o futuro d'um Paiz, senão o pedestal immaculo da sua Historia!

Ignorava, francamente, ignorava que na biblia do despotismo existisse um preceito tão abominavel, qual o de seus fieis pugnarem pela victoria da causa abjecta do suicidio das nações!

Abandone o jacobinismo infrene, essa doutrina macabra, termine de vez essa campanha ingloria que ainda tem tempo de se salvar no conceito dos homens que têm senso.

O meu conselho de moço, de moço que muito quer e muito ama a sua Patria, deve ser acceito de bom grado pelos que, da Historia do Brasil ainda não sentiram nem a castidade da essencia...

A's vezes se torna necessario revestir a phrase com uma certa violencia, porém, isto é um pouco da minha revolta intima que se procura expandir.

Quizera força, quizera luz, quizera intelligencia para destruir, com a energia expressiva de um olhar, esse templo a cujo tecto se agasalha o grupo que fundou a RELIGIÃO DO JACOBINO.

O BRASIL BRASILEIRO

O paiz dos doutores

(Trechos de uma carta de Eça de Queiroz a Eduardo Prado.)

Tenho hoje a grata, a profundissima satistisfação de offerecer aos leitores d'estas columnas a leitura de uns trechos incomparaveis d'uma correspondencia de Fraquique Mendes (Eça de Queiroz), dirigida ao fino poeta dos cacophitos encantadores — Eduardo Prado.

Prado é aquelle doce bardo que, cacophitando, fulminou o amoravel cacophito de Alice.

Foi Eça de Queiroz um pregoeiro sublime do nacionalismo brasileiro; nos trechos de sua missiva encontrará o leitor a verdade desta affirmativa. No entanto, Eça, era portuguez dos mais puros e dos mais cultos.

Com aquella fórma muito sua de estudar, analisou, sinceramente, os costumes brasileiros, ver-

berando, de leve, a maneira muito nossa de imitar, aconselhando-nos, carinhosamente, a abandonarmos este systhema anti-civilisador que corrompeu, no berço, a geração do Novo-Mundo.

Desconhece a minha pouca idade um outro talento tão extraordinario e tão fecundo como o do prosador scintillante d'«As Cidades e as Serras».

Aonde, no scenario da litteratura universal, paira um estylista de enfibratura tão original como o auctor de «O crime do Padre Amaro»? Onde vive outro ironista que haja tracejado paginas vivas e magnificas como as do «Primo Basilio»?

Os meus olhos ainda estão para perscrutar uma leitura que tenha o sabor imponderavel de um periodo do grande Eça.

Eça de Queiroz foi uma epocha litteraria. Vamos começar a ler alguns topicos da missiva de Fradique Mendes:

> ...«Não; o que eu queria era que o Brasil desembaraçado do ouro immoral, e do seu D. João VI se installasse nos seus vastos campos, e ahi quietamente deixasse que dentro da sua larga vida rural e sob a inspiração della, lhe fossem nascendo com viçosa e pura litteratura, um ente, uma ethica, uma philosophia, toda uma civilisação harmonica e propria, só brasileira, sò do Brasil, sem nada dever aos livros, ás modas, aos habitos importados da Europa. O que eu

queria (e o que constituiria uma força util no Universo) era um Brasil natural, expontaneo, genuino, um Brasil nacional, brasileiro, e não esse Brasil, que eu vi, feito com velhos pedaços da Europa, levados pelo paquete e arrumados, á pressa, com pannos de feira, entre uma natureza incongenere, que lhes faz resaltar mas o bolo da nodoa».

« Eis o que eu queria, dilecto amigo»! E' considere agora como seria deliciosamente habitavel um Brasil brasileiro! Por toda a parte ricas e vastas fazendas.

Casas simples, caiadas de branco, bellas só pelo luxo do espaço, do ar, das aguas, das sombras. Largas familias, onde a pratica da lavoura, da caça, dos fortes exercicios, desenvolvendo a robustez aperfeiçoaria a belleza. Um viver frugal e são; idéas claras e simples; uma grande quietação dalma, desconhecimento das falsas vaidades; affeições serias e perduraveis. . . »

« Pois bem, caro amigo! em vez de terem escolhido esta existencia que daria ao Brasil uma civilisação sua, propria, genuina, de admiravel solidez e belleza—que fizeram os brasileiros? Apenas as náus do Senhor D. João VI se tinham sumido nas nevoas atlanticas, os brasileiros, senhores do Brasil,

abandonaram os campos, correram a apinhar-se nas cidades e romperam a copiar tumultuaríamente a nossa civilisação européa no que ella tinha de mais vistoso e copiavel Em breve o Brasil ficou coberto de instituições alheias, quasi contrarias á sua indole e ao seu destino, traduzidas ás pressas dos velhos compendios francezes.

O jornal, o Artigo de Fundo, a balofa rethorica constitucional, a tyrannia da Opinião Publica, os descaros da Polemica, todas as intrigas da politica, se tornaram logo males correntes».

Ainda verberando as velharias européas, eis o que diz o psychologo da «Illustre Casa de Ramires» :

« Os velhos e simples costumes foram abandonados com desdem; cada homem procurou para sua cabeça uma coroa de barão, e, com 47 graus de calor á sombra, as senhoras começaram a derreter dentro dos gorgorões e dos veludos ricos. Já nas casas não havia uma honesta cadeira de palhinha, onde, ao fim do dia, o corpo encontrasse repouso e frescura; e começavam os damascos de cores fertes, os moveis de pés dourados, os reposteiros de grossas bolas, todo o perdume de decorações estofado com que Paris e Lon-

dres se deffendem da neve, e onde triumpha o microbio.

« Immediatamente alastraram a doença das velhas civilisações, as tuberculoses, as infecções, as dispepsias, as nevroses, toda uma surda deterioração da raça. E o Brasil radiante—porque se ía tornando tão enfesado como a Europa, que tem tres mil annos de ceias e revoluções!»

Leiamos, agora, a pagina impeccavel, vibrante, do auctor d'«Os Maias» com relação ao doutorismo nacional:

« No entanto ja possuia a Democracia. O Industrialismo, a Sociedade por acções em todo o delirio das suas formas infinitas, a luz electrica, o «veneno francez» sob as marcas principaes do Champagne e do Romance. Estava maduro para os maiores requintes, e mandou vir então pelo paquete o Positivismo e a Opera Buffa. Foi uma tremenda orgia: ensinou-se aos sabiás a gorgear «Madame Angot», e vendedores de retalho citavam Augusto Comte... Para que prolongar o inventario doloroso? Bem cedo, do Brasil, do generoso e velho Brasil, nada restou: nem sequer brasileiros, porque só havia doutores—o que são entidades differentes. A

Nação inteira se doutorou. Do norte ao sul, no Brasil, não ha não encontrei senão doutores! Doutores, com toda a sorte de insignias, com toda a sorte de funcções!! Doutores, com uma espada, commandando soldados; doutores, com uma carteira, fundando bancos; doutores, com uma sonda, capitaneando navios; doutores, com um apito, dirigindo a policia; doutores,, com uma lyra, soltando carmes; doutores, com prumo, construindo edificios; doutores, com balanças, misturando drogas; doutores com coisa alguma, governando o Estado! Todos doutores. O Dr. Tenente Coronel... O Dr. Vice-almirante... O Dr. Architeto...

Homens intelligentes, instruidos, polidos affaveis, — mas todos doutores!».

E commentando a avalanche de doutores que possue o Brasil, disse ainda o humorista d'«A Reliquia»:

«São estes doutores brasileiros de nacionalidade, mas não de nacionalismo, que cada dia mais desnacionalisam o Brasil, lhe matam o originalidade nativa, com o theima doutoral de moralmente e materialmente o enfardelarem numa fatiota europeia feita de Francezismo, com remendo de vago Inglezismo e de vago Germanismo».

«Assim o livre genio da Nação é constantemente falseado, torcido, contrariado na sua manifestação original—em tudo: em Politica, pelas doutrinas da Europa; em Litteratura pelas escolas da Europa; na Sociedade, pelas modas da Europa».

O leitor, certamente, como eu, está convencido de que ainda é preciso dizer alguma cousa...

..."E HAVERÁ REMEDIO PARA TÃO DURO MAL?"

Ainda pertence ao glorioso auctor das «Prosas Barbaras», as expressões assignaladas que, após commentarios breves, encontrará o leitor.

Eça de Queiroz, descreveu a vida geral do Brasil com uma logica tão fulminante, que a gente sente-se sem inspiração para fazer um commentario frio pallido, sereno e isolado... São flagrantes as verdades traçadas pelo diplomata das «Cartas de Inglaterra».

Todavia, direi, applaudindo incondicionalmente as expressões moralistas do egregio homem de lettras:

O Brasil necessita retemperar-se no proprio cadinho onde vae derreter as decepções que lhe tem caracterisado, que lhe tem seguido as pégadas neste seculo de independencia e controversias.

Somos um povo muito jovem e portanto superior ás injuncções do vicio. Então a mocidade

não é uma força! Mãos á obra meus patricios supplantemos a anarchia jacobina consolidando a purificação do ideal; façamos uma civilisação nossa, construamos no coração da patria lusa um monumento que, d'alem-mar, desnude as riquezas nativas e a nativa civilisação da terra do Pau Brasil.

Assim, ao que me parece, teremos recebido e comprehendido em todo o explendor da sua grandeza, o conselho alto e ponderádo, bem inspirado e justo de um grande genio naturalista que pela terra transitou.

Vamos ouvir as ponderações do talento descriptivo do auctor do «Misterio da Estrada de Cintra»:

«A famosa carta de alforria de 29 de Agosto de 1825 não serviu para as intelligencias. Intellectualmente o Brasil é ainda uma colonia — uma colonia do Boulevard. Letras, sciencias, costumes, instituições, nada disso é nacional: tudo vem de fóra, em caixotes, pelo paquete de Bordeus, de sorte que esse mundo, que orgulhosamente se chama Novo-Mundo, é na realidade um mundo velhissimo, e vincado de rugas, d'essas rugas doentias, que nos deram, a nós, vinte seculos de Litteratura

Percorri todo o Brasil á procura do *novo* e só encontrei o *velho*, o que já é velho ha cem annos na nossa Europa, — as

nossas velhas ideias, os nossos velhos habitos, as nossas velhas fórmulas, e tudo mais velho, gasto até ao fio, como inteiramente acabado pela viagem e pelo sol. Sabe o que me parecia (para resumir a minha impressão n'uma imagem material, como recommenda Buffon?) Que por todo o Brasil se estendera um antigo e coçado tapete, feito com os remendos da civilisação europeia, e recobrindo o tapete natural e fresco das relvas e das flores do solo... Concebe v. maior horror? Sobre um jardim perfumado, em pleno viço, tudo tapar, tudo esmagar, rosas abertas e botões que vão abrir, com um tapete de lã, esburacado, poeirento, cheirando a bafio!

E haverá remedio para tão duro mal? de certo! Arrancar o tapete suffocante. Mas que Hercules genial emprehenderá esse trabalho santo? Não sei.

Em todo o caso, creio que o Brasil tem ainda uma *chance* de reentrar n'uma vida nacional e só brasileira. Quando o Imperio tiver desapparecido, perante a Revolução jacobina — positivista que já lateja nas escolas, e que os doutores de penna hão de necessariamente fazer de parceria com os doutores de espada; quando, por seu turno, essa Republica jacobino positiva murchar como planta collocada artifici-

almente sobre o sólo e sem raizes n'elle, e desaparecer de todo, uma manhã, levada pelo vento europeu e doutoral que a trouxe; e quando de novo, sem luta, e por uma méra conclusão logica, surgir no Paço de São Christovão um novo Imperador ou Rei — o Brasil, repito, nesse momento tem uma *chance* de se desembaraçar do «tapete europeu» que o recobre, o desfeia, o suffoca. A *chance* está em que o novo Imperador ou Rei seja um moço forte, são, de bom parecer, bem brasileiro, que ame a natureza e deteste o livro.

Não vejo outra salvação. Mas no dia ditoso em que o Brasil, por um esforço heroico, se decidir a ser brasileiro, a ser do *novo-mundo* — haverá no mundo uma grande nação. Os homens têm intelligencia, as mulheres têm belleza — e ambos a mais bella, a melhor das qualidades: a bondade. Ora uma nação que tem a bondade, a intelligencia, a belleza, (e café nessas proporções sublimes) — póde contar com um soberbo futuro historico, desde que se convença que mais vale ser um lavrador do que um doutor mal traduzido do francez.

Não me queíram mal por toda esta desordenada franqueza, e creia-me tão amigo do Brasil como seu.»

NA PLANICIE ARIDA . . .

Entrou em franco declinio o jacobinismo amorpho.

A trombeta da anarchia emmudeceu ao clangor do clarim da verdade e da justiça.

João do Rio morreu vencedor; o Brasil continua vivendo uma vida radiosa no coração adamantino e bom, generoso e delicado da gente lusitana.

Pudera! O pae jámais terá o direito de renegar o filho, mesmo que este se tenha revestido de um pouco de ingratidões ás suas caricias, ou de um pouco de rebeldia aos seus conselhos. Já se respira no ambiente nacional uma sadia atmosphera de fraternidade.

O symbolo da vermelhidão jacobina esphacelou-se aos primeiros lampejos da aproximação-luso-brasileira; a missão da «Atlantida» foi coroada de um exito colossal; o sentimento de dor deixado pela morte de Paulo Barreto, produziu na alma dos que se tornaram surdos e relapsos ás vozes e aos con-

selhos da Historia, um sulco profundissimo de arrependimento que me parece ser sincero.

E' optimo continuar assim. Para que ressentimentos injustificaveis? Para que discussões estereis? Para que serve renegarmos o passado?

Que resultado tiramos em mentir?

Qual o lucro deixado pela discordia?

Onde passa a gloria da questão?

Quaes os documentos comprobatorios que exhibiam os chefetes jacobinos?

Mas devemos ou não respeitar a agonia d'esses patrioteiros que dissidem da nossa historia?

Para que serve castigar o vencido?

E não será bom mostrar porque erraram?

Mostrar os erros aos que esperneiam, agonisantes, no campo antagonico, não é vergastar o vencido, é simplesmente desdobrar os factos á luz purissima da verdade inatacavel; é desnudar a verdade e convencel-os de que a phantasia é coisa muito bella, porém, sómente para figura de rethorica.

E de rethorica não se veste a historia, apezar de que para ella veio um pouco da exaltação commum, coisa qua demora caprichosamente no logar imperscrutavel que é o intimo, o intimo convulso de quem a escreve...

A Historia é um auto com cem mil motores.

E quando um ser humano procura avariar uma d'essas machinas, as restantes esbravejam e terminam fulminando o ousado iconoclasta.

Nas paginas da Historia demora, vibra e fulgura a essencia do passado.

Alguem já a chamou o porta-voz dos seculos, porém, ella é a reminiscencia quente dos gemidos e das glorias das gerações passadas.

A gente hodierna procura impiamente impor á Historia paradoxos irrisorios; mas, isto é nada menos que uma volupia da civilisação; é um devaneio da humanidade e um passatempo dos bohemios...

A historia perpetúa a obra.

A obra é sómente um contigente para a historia.

As ponderações dos artigos anteriores ainda devem perdurar na memoria dos leitores d'estas columnas, ellas se não têm o sabor delicioso de algum nectar divino, têm, pelo menos, uma dosagem forte de sinceridade para o calice das victorias legaes...

Tenho procurado escrever o que sinto, nunca adulterei a minha ideia; respeito as expressões do meu espirito e curvo-me genuflexo aos ditames da minha consciencia.

Se o meu pouco cultivo, ou nenhum, expande aqui a sua opinião, e para que não haja duvida sobre ella, exclamo com o ardor das minhas primaveras: a sinceridade é quem dita os meus actos!

Os artigos que tenho escripto contra a cambada jacobina têm nascido expontaneamente da

minha alma, assim como expontaneamente da terra nasce a grama...

Assisti, durante algum tempo, de braços crusados ao desenrolar da campanha Jacobina e foi quando da torre do meu silencio pude admirar a grandeza immarcessivel d'esse talento que desapareceu e que se chamou João do Rio.

Vi n'esse homem não uma creatura vulgar, porém, um exercito personificado n'uma estranha montanha de carne tendo a perfeita configuração de um ser.

João do Rio, n'essa campanha, foi, ao meu ver, sobre-natural.

Quando não era o artigo doutrinario que redigia, era a explanação ironica de um rebate invencivel!

Fulminava o inimigo com o valor da sua penna e abraçava o inimigo com a força da sua mentalidade...

E de tal maneira cresceu a minha veneração por Paulo Barreto que, hoje, sou um fanatico pelas suas ideias.

Procurei com a fraqueza intellectual que me é peculiar, seguir as pégadas do grande e extremado deffensor dos portuguezes no Brasil.

E venho seguindo, embora custosamente, a lição do emerito jornalista.

Reconheço que me falta, o que n'elle era abundante, o talento, porém, tateando vou seguindo a rotina certo de que um dia — ainda está muito

longe, eu sei — chegarei, ajoelhado, ao batente do pedestal onde a sua memoria está sentada.

Então direi ao mestre insigne: os teus conselhos, oh! divino João do Rio, foram por mim acceitos e as sementes que espalhaste brotaram na planicie arida...

AO CLARÃO DA LUA

Quando iniciei a serie de artigos que venho publicando na «Patria Portugueza» uma nuvem de poeira mortifera impregnou o ambiente.

Eu murmurei para um meu companheiro de idéas e de jornada:

Que será isto?

Elle atraves de um sorriso bondoso, e revestido de uma ironia pyramidal respondeu-me, sereno como um justo: então não sabes? São os commentarios dos imbecis!

Meu caro, numa epocha de luz, de verdade completa e de intelligencias cultivadas, ainda existe, para maldade nossa, esse pernicioso vicio de commentar-se imbecilmente?...

Se existem?!! Existem sim, os patrioteiros pagos, os de ideaes encommendados!

Todavia, não creio nas tuas affirmativas! Isso sei-o eu, porem, com o decorrer dos dias te certificarás do que te disse!

Veremos!... E eis-me alem do meio da se-

rie e ja estou vendo, na treva do horisonte, saracoteando na sua brancura enlameada, a caveira morbida dos palradores inconscientes... coitados! elles mordem-se não riem-se como eu esperava!

Mas até na estupidez demoram desilusões! Como é implacavel a ironia do destino.

Hontem, eu disse ao meu amigo: tens razão, o que parecia toldar o espaço éra a turba dos que não sabem o que dizem! Já te convenceste! Já vi a sua caveira multiforme! e ao em vez de inspirar-me indignação, inspirou-me foi piedade... Coitados! Coitados porque? porque são degenerados! Não é tanto assim, são elles os jacobinos! O que? Sim são elles! São os que, pelos atalhos do crime, commentavam os teus escriptos te chamando de brasileiro venal, e de capacho dos portuguezes; são os reprobos da patria; são filhos espurios da quinta essencia pathologica; mas não te incommodes com isto, prosegue na tua caminhada e lembra-te sempre desta phrase do eminente politico gaucho, que foi traiçoeiramente assassinado:

« Os bandos que se formam nas esquinas para ridicularisarem os que passam ainda são inferiores á fumaça... »

E' verdade meu amigo tens uma logica fulminante. Não me intimidam os commentarios — proseguirei!

O que sinto, deveras, é proseguir armado. Armado de que? De um chicote á ilharga

da canêta para vergastar, perfilando, os mutiladores da tradicção do meu paiz.

Já que o governo não encherga esses criminosos, que vivem cercados da conveniencia discricionaria, eu os virei denunciar perante o tribunal magno e incorruptivel da opinião publica.

Não faça tal, isso é uma loucura, deixe-os ladrar sosinhos, indolentemente, como os cães famintos ao clarão da lua...

A OBRA GENIAL

Augusto Meira, forte baluarte do jornalismo paraense, tracejou em a «Folha do Norte», de Setembro ultimo, um vibrante artigo de combate ás doutrinas de «Gil-Blas».

E' uma argumentação logica que deve ser estudada com carinho pelos que se affastaram da verdadeira norma nacionalista.

Cheio de ponderações ajuizadissimas o brilhante publicista externa conceitos, em torno do nativismo, verdadeiramente incontestaveis.

«Gil-Blas», não me consta que, até o ultimo numero, haja contestado ao menos uma expressão do articulista da «Folha»...

Não encontra, para tal, bases seguras ou mesmo sem alicerces...

Talvez se tenha — eu desconheço — limitado, sómente, a agradecer as honrosas referencias que lhe teceu o inspirado vate...

Mas contestar!? Quem viu!?

Essa gente é assim, têm da logica um pa-

vor injustificavel... A razão, por mais que tente, não se consegue abrigar na consciencia, solapada pela degenerescencia, dos inimigos de Portugal...

Deixám-se levar pela leitura de folhetos de *celebres investigadores* da historia patria que encontraram documentos para escrever o aranzel *historico* sómente na microbiologia tacita do seu despeito.

Não precisam as datas nem positivam os factos. Querem ser nativistas custe o que custar!

Eu ía-me enganando — nativistas elles não querem ser, e sim mostradores de vidros quebrados pela violencia da crise...

Sigam o nacionalismo que está alli esboçado, com nitidez e perfeição no estreito espaço d'uma columna de jornal, que ao seu lado encontrarão os proprios portuguezes consolidando a obra genial.

A IDÈA JACOBINA

«O amor reside nas mais bellas almas como o verme devorador no mais lindo botão de rosa!...»—*Shakespeare.*

Sempre o amor, o amor que divinisa as cousas imperfeitas; o amor que canta dentro da alma amortalhada do sonhador; o amor que vibra dentro da consciencia solapada do louco...

Sempre o amor!

E poderia eu escrever banindo o amor?

Nunca.

O amor é necessario a tudo, em tudo impõe explendorosamente.

Se não fosse este grande amor que consagro á Patria Lusa, a veneração que tenho pela memoria ardente e exemplarissima dos meus antepassados, certamente, a minha pobre pena sem rethorica, o meu pobre espirito sem estylo, a minha pauperrima intelligencia sem atavios não viria affrontar as letras da minha terra.

Mas o peccado commettido por amor é divinamente perdoavel...como é tambem divino perdoar...

Rasguem a pagina amorosa da vida, que a vida nada mais é do que a essencia da lama...

Vida, audacia e amor, triade a cuja sombra paira a divindade da mulher que encarna na materialisação do pensamento toda a estrophe imponderavel de uma doce illusão.

Mocidade, phase aurea que ainda bafeja de leve as minhas idéas, eu te bemdigo Deusa enganadora, ladra de sonhos dourados, fonte promissora e desgraçada d'onde vou partindo para a velhice fugaz, chorando e arrependido...

Bemdita sejas mocidade!

A ephemeridade que te emmoldura é a nota mais perfeita e a mais pura da tua concepção.

Mocidade da minha terra, o calor patriotico que circula nas tuas arterias, é o producto dignificante dos teus antepassados: Osorio, Caxias, Tamandaré, Barroso, Maurity, Pedro I, Pedro II e Gonçalves Ledo, expoentes maximos da grandeza politica, guerreira e intellectual de teu paiz.

Evocae esses herois que os ouvireis, na penumbra do passado desdobrando o manto fulgido das conquistas civicas, dizer: «Meus filhos, cuidado! Não procureis matar a gloria do vosso paiz; zelai pela integridade da sua historia; velai pela epopeia do seu passado; não desprezeis o pai que conduziu a creancinha engeitada ao berço de oiro,

ensinando-lhe a balbuciar as syllabas primeiras; amai a esse velho que tem gloria eterna; ajudai a aniquillar, a destruir, a fulminar a inaceitavel e perniciosa campanha que veio á luz para odiar o portuguez; carbonisai, sem piedade, a miseravel idéa jacobina.

(De 15 a 30 de Dezembro de 1921.)







Secretaria de
Estado de Cultura

